



**HAL**  
open science

# Relações culturais internacionais e ciências sociais: o outro mundo, fermento heurístico

Antoine Huerta

► **To cite this version:**

Antoine Huerta. Relações culturais internacionais e ciências sociais: o outro mundo, fermento heurístico. Diálogos França-Brasil, circulações, representações, imaginários, Edições Makunaima; José Luís Jobim; Maria Elizabeth Chaves de Mello; Eden Viana Martin; Nejma Kermele, 2019, 978-85-65130-27-1. halshs-03849424

**HAL Id: halshs-03849424**

**<https://shs.hal.science/halshs-03849424>**

Submitted on 11 Nov 2022

**HAL** is a multi-disciplinary open access archive for the deposit and dissemination of scientific research documents, whether they are published or not. The documents may come from teaching and research institutions in France or abroad, or from public or private research centers.

L'archive ouverte pluridisciplinaire **HAL**, est destinée au dépôt et à la diffusion de documents scientifiques de niveau recherche, publiés ou non, émanant des établissements d'enseignement et de recherche français ou étrangers, des laboratoires publics ou privés.

## **Relações culturais internacionais e ciências sociais: o *Outro mundo*, fermento heurístico<sup>1</sup>**

Antoine Huerta<sup>2</sup>

124 Fernand Braudel confiou várias vezes a Giuliana Gemelli que “ele havia se tornado inteligente no Brasil”.<sup>3</sup> Acrescentava que o Brasil lhe oferecia, a cada dia, um espetáculo tão grande de história e gentileza social, que ele passou a entender a vida de uma outra maneira.<sup>4</sup> Outros, cuja importância nas ciências sociais não é menor, viveram um fenômeno semelhante: Claude Lévi-Strauss, Roger Bastide, Pierre Monbeig, “não teriam aprendido em outro lugar (a não ser no Brasil) a comprovar o que haviam adquirido na França; não teriam descoberto que era tão fácil ensinar no estrangeiro e no mundo, ensinar aos outros e aprender para si próprio”.<sup>5</sup> Para todos, o parêntese brasileiro iniciado com a missão universitária de São Paulo, em 1934, teve ricas consequências: o diálogo com esse outro lado do mundo astral permitiu grandes renovações epistemológicas.<sup>6</sup> A importância dos deslocamentos, de um ponto de vista científico, oferece um bom exemplo de contraponto à ciência enraizada em um só campo disciplinar, uma só escola. Embora esse ponto tenha sido bem demonstrado, no caso de figuras maiores evocadas an-

---

<sup>1</sup> Traduzido do francês por Maria Elizabeth Chaves de Mello.

<sup>2</sup> Université de La Rochelle, Centre de Recherches en Histoire Internationale et Atlantique (CRHIA).

<sup>3</sup> Cf. Gemelli, 1995, 61.

<sup>4</sup> In Paris, ArthaudFlammarion, 1986: 203. Cf. Correa Lima, Luís, 2005, <<http://www.braudel.org.br/pesquisas/pdf/anpuh-2005.pdf>>.

<sup>5</sup> Reboullet: 119-28, in KokEscalle & Melka (org), Amsterdam, Atlanta, Rodopi, 2001.

<sup>6</sup> Lefèvre, 1993, n°38: 24-33.

teriormente, propomo-nos a estudar essa questão a partir de um pesquisador de menor fama.<sup>7</sup>

De volta de sua segunda missão brasileira, onde foi nomeado para a Universidade do Distrito Federal (Rio de Janeiro), em 1936, o geógrafo francês Pierre Deffontaines publica um texto destinado à juventude, no qual evoca toda a importância de outros mundos geográficos. Evocava seu gosto pelo desconhecido, nesses termos: “essa grande curiosidade inicial, que existe tão maravilhosamente na infância [...], essa curiosidade pelo ‘outro lado do mundo’, pelas ‘outras coisas’ [...], essa alegria de conhecer, que é uma das características do jovem, em geral, ao sair da escola, seis anos depois, tudo isso é atenuado, até mesmo recalcado, e, às vezes, perdido para sempre”.<sup>8</sup> Essa curta passagem não é anódina, talvez ela seja o reflexo de concepções mais profundas dessa noção de *outro lado do mundo*.

Pretende-se tratar aqui, da maneira pela qual Deffontaines, geógrafo que participou da criação da geografia universitária em São Paulo e no Rio de Janeiro, trabalhando em várias pesquisas no e sobre o Brasil, precisou inventar uma nova língua, para escrever seus espaços e territórios, graças a uma abordagem geográfica que colocava as sociedades no centro de seu estudo, misturando habilmente a antropologia com a história. Criou um imaginário específico, levando muito em conta os pontos de vista dos homens sobre seu país: tanto os imaginários dos cientistas, quanto os dos homens comuns eram solicitados, no processo de criação científica. Essa circulação cultural e inúmeras trocas formam um outro exemplo do

125

---

<sup>7</sup> A respeito dos deslocamentos conceituais, conferir o artigo de Paulo Cesar da Costa Gomes e Laurent Vidal, “Déplacement des savants, déplacement des savoirs. Le glissement des concepts sur le sol meuble du Brésil. Les exemples de Roger Bastide et Pierre Monbeig”, *Bastidiana*, 2001, n°3536: 175-82.

<sup>8</sup> Cf. Desjardins, Paris, 1940: 89-99.

“deslizamento dos conceitos sobre o solo móvel do Brasil”.<sup>9</sup>

Surgiram circulações ideais, das escolhas metodológicas assumidas por Deffontaines, bem como das relações dialógicas, epistemologicamente fecundas, nas quais representações geográficas inovadoras puderam nascer e se desenvolver. Evidentemente, uma geografia mestiça<sup>10</sup> distinta, na paisagem da escola francesa da época clássica, no seio da qual o aqui e o lá eram dois componentes fundamentais da episteme de Deffontaines, no cruzamento entre a geografia, a linguística, a literatura e a história. Os imaginários geográficos aqui descritos formavam um diálogo constante, para cuja análise as circulações relacionadas ao pensamento de Deffontaines inscreviam-se, no parâmetro de relações internacionais ricas: sua geografia, daqui e de lá, permitiu uma renovação original da disciplina.

126 O outro lado do mundo é uma noção que permite distinguir as etapas da carreira do geógrafo, considerada aqui, ao longo de seus objetos de estudo e itinerário científico e espiritual. Trabalhar do outro lado do mundo, especialmente no Brasil, era, antes de tudo, uma possibilidade de ele continuar sua carreira, que sofria dificuldades na França. Era também a possibilidade de explorar pistas de pesquisa que lhe eram caras, sobre aqueles novos campos: o deslocamento, como prática e objeto de estudo da geografia, segundo Deffontaines, que ele aplicou, imediatamente, em seus cursos brasileiros. Enfim, esse período foi a oportunidade de criar um outro lado do mundo sonhado, quase mítico, descrito por uma geografia mestiça, em que o sobrenatural e o espiritual ocupavam um lugar central.

---

<sup>9</sup> Op. cit.

<sup>10</sup> Aqui, um pouco comparável à evocada por Emmanuel Lézy “‘La Saison et la ligne’ ou Moby-Dick, une leçon de géographie métisse”, *Cycnos*, vol.17 n°2, 2008, URL: <http://revel.unice.fr/cycnos/index.html?id=1645>.

## 1 Catolicismo e bergsonismo: fechaduras francesas, chaves brasileiras

Um primeiro nível de leitura do *outro mundo* mostra, simplesmente, o desejo profissional de trabalhar em um outro lugar, de descobrir novas perspectivas científicas. Com efeito, o posicionamento acadêmico de Deffontaines não lhe permitia fazer carreira na França. Foi o caso, por exemplo, da escolha de um professor para a universidade de Poitiers. Houve unanimidade, a princípio, contra Deffontaines, já que o grande Emmanuel de Martonne, da Sorbonne, contestou suas qualidades de professor e geógrafo.<sup>11</sup> Em seguida, ele foi acusado de não servir à universidade pública desde 1924, de integrar o ensino católico em 1925, e, ao contrário dos outros candidatos, de não ter lutado na guerra,<sup>12</sup> tendo sido deixado de lado o fato de que sofria de malformação congênita na mão esquerda. No entanto, o caso pareceu de importância suficiente para que os historiadores, por sua vez, se mobilizassem para *afastar o perigo Deffontaines*.<sup>13</sup> O historiador Lucien Febvre escreveu a Marc Bloch: “Encontrei Demangeon, mas em condições muito estranhas. Pediram-me (isso fica entre nós) para intervir com De Monzie, que foi enfeitado (ou que ‘foi catequizado’, mais precisamente) por Deffontaines, que ele queria nomear para Poitiers”.<sup>14</sup> Febvre lutou corajosamente, com o apoio dos geógrafos de Paris, com quem ele cultivava uma certa intimidade, para impedi-lo.

127

<sup>11</sup> Nicolas Ginsburger: 15 in “Théodore Lefebvre, un bon géographe pour Poitiers?”, *Norois*, 230, 2014: 7-19. (AN, lettre de De Martonne à Cavalier, 3 juillet 1933).

<sup>12</sup> *Ibidem*.

<sup>13</sup> *Ibid.*

<sup>14</sup> Trata-se aqui de Anatole de Monzie (1876-1974), então ministro da Educação Nacional. Lembremos que o engajamento dos professores era, então, o único feito do ministério, o que explica as longas pressões para eleger tal ou tal candidato.

Deffontaines, que dedicou sua tese a São Francisco de Assis, *o que não foi nada apreciado por uma banca habituada a outros códigos de conveniência!*,<sup>15</sup> tinha então dificuldade de se manter em uma escola violentamente laica. Portanto, não é nada difícil de entender o ostracismo a que ele foi relegado. Por ser católico, foi marginalizado a vida toda; e isso foi, segundo um outro geógrafo, Pierre Marthelot, a sua sorte.<sup>16</sup> Permitiu-lhe trabalhar em lugares em que podia desenvolver seu pensamento, como o Brasil, especialmente. Mas a religião não foi o único fator de exclusão. Sua relação com o geógrafo Jean Brunhes contribuiu igualmente para isso, de tal maneira, que esse foi a seu favor, no exílio brasileiro. Numa carta à sua filha, Mariel Jean-Brunhes Delamarre, ele mostra, no entanto, que o desapontamento persistiu, sem por isso diminuir sua combatividade: “rejeitaram-me no quadro francês [escrevia ele], um pouco porque eu era da escola de Brunhes e ao contrário, pelo fato de eu ser dessa escola, usaram-me à vontade no estrangeiro...” Assim, prosseguia ele, “espero que esse horizonte estrangeiro, ao qual tanto devo [...] me valorizará mais na França”.<sup>17</sup> Examinemos isso de perto.

Jean Brunhes lutou para que a filosofia fosse parte integrante da sua obra, especialmente no que diz respeito à influência de Bergson:

faço um esforço curiosamente paralelo ao bergsonismo. [Sua espiritualidade] fez correr muito papel e tinta, principalmente depois do ensaio sobre “A energia espiritual”.<sup>18</sup>

Bergson e eu partimos, ambos, de uma reação contra o positi-

<sup>15</sup> Cf. Marthelot, 1980, n°14: 43-46.

<sup>16</sup> *Idem*: 43.

<sup>17</sup> Carta de Deffontaines a Mariel Jean-Brunhes-Delamarre, de 27 de outubro de 1947, reproduzida no *Livre de nos jours*, vol. 5, de 19 março de 1946 a 21 dezembro de 1947: 122. Trata-se de um diário pessoal escrito a quatro mãos por ele e sua esposa, desde o noivado (1928), até a morte do geógrafo (1978).

<sup>18</sup> Cf. Bergson, Henri. *L'énergie spirituelle*. Essais et conférences (1919).

vismo radical. Ele, dez anos antes de mim, e, com certeza, com uma outra força, que admiro.<sup>19</sup>

Estou e permaneço na ordem dos fatos terrestres, elevando-me menos alto. É pelos estudos localizados e precisos que a geografia deve demonstrar seu método e fim.<sup>20</sup>

A influência de Bergson sobre os pensadores de seu tempo é prodigiosa e tem uma força imensa. Dominique Combe, evocando a “glória” de Bergson, afirmou que nada, além da filosofia, atinge um tão grande poder de impregnação.<sup>21</sup>

Isso era especialmente verdadeiro em relação à América Latina e ao Brasil. Em seu artigo *Bergson, Maritain y América Latina*, Olivier Compagnon propõe uma reflexão sobre a recepção cruzada desses dois filósofos no continente sul americano, avaliando o impacto das relações intelectuais muito especiais que os dois pensadores mantiveram, no que se refere à difusão do bergsonismo na orientação das elites intelectuais desses países.<sup>22</sup> A influência de Bergson foi imensa, segundo ele.

129

Mais do que isso, segundo Alain Guy, Bergson esteve na origem do despertar espiritual nessas regiões, fato que, pouco antes da Primeira Guerra Mundial, constituiu um verdadeiro “boom” no contexto intelectual da época.<sup>23</sup> A espiritualidade de Bergson estava, portanto, de vento em popa, quando Deffontaines, o garimpeiro geógrafo, chegou ao Brasil pela primeira vez. Olivier Compagnon

<sup>19</sup> Esse ponto nos leva a relativizar a afirmação de Olivier Orain, que dizia que *Jean Brunhes foi o único positivista digno desse nome*. Cf. Orain, Olivier. *La géographie comme science. Quand 'faire école cède le pas au pluralisme*. In ROBIC, *Marie-Claire (org.)*, 2006: 81-115.

<sup>20</sup> Cf. Lefevre, Frédéric, 1926, n°211, 30 outubro.

<sup>21</sup> Combe, Dominique, *Études*, t. 401, n°4: 34354.

<sup>22</sup> Cf. Compagnon, Olivier in Gonzalez, Horacio y Vernmeren, Patrice, Buenos Aires, Colihue, 2008: 139-50.

<sup>23</sup> Ibid.

recordava que, na época da divulgação do bergsonismo, sua construção inseria-se, principalmente, na oposição ao positivismo e ao materialismo.<sup>24</sup> Aliás, Alain Guy observava que no “Brasil, [pelo fato de estar] sempre atento às ideias francesas, Bergson fez também escola muito rápido, assim que o positivismo se esgotou, depois de dominar o país durante meio século”.<sup>25</sup> Essa espiritualização de uma disciplina científica adquiriu uma dimensão especial no Brasil, onde o geógrafo conseguiu desenvolver as pistas abertas por Jean Brunhes, principalmente o deslocamento – nomadismo – como objeto de estudo e a excursão como método.

## **2. Mais do que apenas a geografia: Deffontaines e o movimento para a interdisciplinaridade**

Em 1948, Deffontaines apresentou a seguinte questão: “será que as ciências progredem principalmente nas margens?”<sup>26</sup> Ele acabava de lançar, com André Leroi-Gourhan, uma revista, ao mesmo tempo inovadora e pouco valorizada pelos pesquisadores: a *Revue de géographie humaine et d’ethnologie*.<sup>27</sup> Esse amor pela pluridisciplinaridade encontra-se na geografia que ele havia implantado no Brasil, alguns anos antes. O exemplo do nomadismo, enquanto objeto de estudo e prática heurística, é um exemplo do que pensar em outro lugar podia querer significar. Ele poderia também, ilus-

<sup>24</sup> Sobre o antipositivismo de Bergson, cf. especialmente o texto de Alain Guy, *Le bergsonisme en Amérique latine*, *Caravelle*, nº1, 1963: 121-39.

<sup>25</sup> *Idem*: 123.

<sup>26</sup> Cf. Deffontaines, Pierre. Défense et illustration de la géographie humaine, avec 8 photographies. *Revue de géographie humaine et d’ethnologie*, 1948, nº1: 5-13.

<sup>27</sup> Cf. a questão de Bernadette Lizet e Martin de La Soudière, na entrevista com Isaac Chiva, *Pour la multidisciplinarité*, *Ethnologie française*, 2004, vol. 34, nº4: 671-7. A maior prova do desinteresse que ela desperdiçou seria sua ausência do artigo de Denis Fabre, *Revue d’ethnologie et ethnologie dans les revues*, *Garae*. Ethnopôle: <<http://www.garae.fr/spip.php?article150>>

trar a maneira pela qual Nicole Lapierre apresenta vários casos de estudos, em que se navega da *biografia ao movimento das ideias, da condição existencial de exilado, imigrado ou refugiado social à dissidência e à criatividade intelectual*.<sup>28</sup>

Deffontaines *pensava em um outro lugar*, além da sua disciplina, em uma marginalidade progressiva, ilustrando, assim, uma forma dessa *marginalidade criativa*,<sup>29</sup> como a conceitualizaram os analistas políticos Mattei Dogan e Robert Pahre, que nunca deixaram de lembrar que a maior parte das inovações importantes em ciências sociais atravessam as diferentes disciplinas.<sup>30</sup> Deplorando a pouca informação, esses autores gostariam de ter um acesso maior aos percursos individuais de cientistas híbridos.<sup>31</sup> Alguns processos de hibridação poderiam, no entanto, ser esclarecidos com o auxílio de biografias, o que propomos fazer aqui. Apoiemo-nos na proposta apresentada por esses autores: “A migração de uma disciplina para outra, às vezes, acontece ao mesmo tempo que a simples migração, principalmente através do Atlântico”.<sup>32</sup> Por que a migração estimularia a hibridação?

131

Deffontaines interessou-se de perto pelos nômades e algumas de suas publicações foram exclusivamente ligadas a esse modo de vida (cf. quadro I). Esse interesse já estava presente em 1926, quando ele ensinava história e geografia, no Leste da França; exportou-o em seus primeiros trabalhos sobre a Europa oriental, antes de se concentrar sobre os nômades brasileiros, no início de seus estudos sobre o país.

<sup>28</sup> Lapierre, Nicole, Gallimard, 2006: 26.

<sup>29</sup> Dogan, Mattei; Paris, PUF, 1991.

<sup>30</sup> *Idem*: 31

<sup>31</sup> *Idem*: 221.

<sup>32</sup> *Idem*: 233.

Quadro I  
Artigos de Deffontaines sobre a questão nômade<sup>33</sup>

Datas	Títulos
1926	Les petits nomades en France. <i>Recueil de travaux géographiques offerts à M. Svambera</i> , Prague.
1927	Petits métiers et petits nomades de Slovaquie. <i>Revue de géographie alpine</i> , 1927, vol. 15, n°4: 567-76.
1927	Petits métiers et petits nomades de Slovaquie. <i>Revue de géographie alpine</i> , 15, 4: 567-76.
1932	Un nomade de Dieu: Odoric de Pordenone. <i>Nouvelle revue des Jeunes</i> . 1932: 627-31.
1934	Petits nomades du Jura: les rouliers du Grandvaux, <i>Annales de géographie</i> , 1934, vol. 43, n°244: 421-7.
1935	Les Mascatis ou petits colporteurs du Brésil, <i>Journal de la Société des Américanistes</i> , 1935, vol. 27, n°1: 247-50.
1936	Un genre de vie de petits nomades du Brésil: Les Mascatis, In <i>Mélanges de géographie offerts par ses collègues et amis de l'étranger à M. Václav Svambera a l'occasion de son soixante-dixième anniversaire</i> , Prague, [s. n.], 1936: 48-51.
1936	Os mascates ou pequenos negociantes ambulantes do Brasil, <i>Geografia</i> , vol. 2, n°4-5: 26-9.
1947	Os mascates ou marcadores ambulantes do Brasil, <i>Boletim Geográfico (Rio de Janeiro)</i> , n°55: 814-816.
1955	Les rouliers du Grandvaux. <i>Barbizier Almanach populaire comtois</i> , Besançon, Imprimerie de l'Est: 303-9.

132

Fonte: estabelecido por Antoine Huerta a partir de pesquisas pessoais e de Claire Delfosse, "Biographie et bibliographie de Pierre Deffontaines (1894-1978)", Cybergeo: European Journal of Geography, Epistémologie, Histoire de la Géographie, Didactique, documento 127: <<http://cybergeo.revues.org/1796>>

Desde os seus primeiros tempos no Brasil, Deffontaines interessou-se pelas populações nômade e, no último número da revista *Geografia*, que contribuiu para fundar, em 1935, ele publicou um texto, expondo suas ambições quanto à excursão, métodos

<sup>33</sup> Optamos por não traduzir esses títulos (N.T.)

e expectativas científicos. O texto representava seu pensamento. Com efeito, o programa assim resumido tinha origem, mais uma vez, em seu “breviário” de vulgarização, o *Petit guide du voyageur actif*, em que definia, de maneira bem simples, o que é viajar, passear e estudar geografia. Deffontaines recomendava cuidadosamente, nessa obra, que se distinguisse “a espantosa variedade de paisagens e, principalmente, a minuciosa complexidade do mecanismo das vidas humanas”.<sup>34</sup> Os preceitos explicitados no seu *vade mecum* geográfico tiveram valor programático no conjunto da sua obra. Os métodos propostos por ele, nos anos 1930, foram os que ele praticou e conservou depois. Podemos ler, portanto, nesse manual, a metodologia que deveria ser, de alguma maneira, a dos geógrafos que ele pretendia formar, no cruzamento da etnologia com a história.

Três pontos se destacavam do estudo do espaço às realidades da geografia humana: o homem em confronto com a região, as tradições e o trabalho. O primeiro ponto, o homem e a região, compreendia a habitação, as diferentes funções da casa. Isso englobava os vários problemas suscitados pela casa e, principalmente, a maneira como eram resolvidos (por exemplo, as paredes o telhado, etc).<sup>35</sup> O segundo aspecto relacionava-se com o *habitat* e o lugar que ocupava, o mundo espiritual na casa; em seguida, o povoamento e suas modalidades, a circulação, os personagens e tipos do país, a propriedade, alimentação e, finalmente, o crédito.<sup>36</sup> Sobre o primeiro tema, três de seus artigos são representativos:

Recherche sur les types de peuplement dans l’Est de São Paulo, *Bulletin de l’Association des géographes français*, 1935, avril.

Les types de peuplement ruraux au Brésil, *Bulletin de l’Association des géographes français*, 1935: 66-71.

<sup>34</sup> Pierre Deffontaines, *Petit guide du voyageur actif. Comment connaître et comprendre un coin de pays?*, Paris, Édition sociale française, 1941.

<sup>35</sup> *Idem*: 13-17.

<sup>36</sup> *Idem*: 19-23.

“Du *patrimônio* au *condomínio*: contribution à la géographie urbaine du Brésil”, *Les Cahiers d’Outre-Mer*, 1951, vol. 14, n° 53: 98-101.

O segundo ponto central dessa geografia humana interessava-se pelo homem e suas tradições, folclore, e, finalmente, o terceiro e último ponto, relativo aos aspectos humanos, referia-se ao do trabalho, sendo que a agricultura cobria todas as atividades referentes ao exterior.<sup>37</sup> Os pequenos nômades atraíram completamente as atenções do pesquisador: quatro artigos no Brasil foram dedicados a eles (veja o quadro I). Em relação aos aspectos metodológicos relacionados com a excursão, Deffontaines dava uma grande importância aos contatos prolongados entre o geógrafo e os lugares e paisagens que constituíam seu objeto de estudo. Por isso, ele teve muito contato com as populações encontradas. Essa metodologia foi a que ele aplicou no Brasil, nos anos trinta, e praticou e ensinou durante suas estadias no país.

134

Lembremos que, à guisa de posfácio da obra, para o viajante ativo, Deffontaines apresentou métodos sobre o primeiro contato com o lugar, a organização das excursões e um fórum final, para apresentar as descobertas e, enfim, o estado de espírito do viajante. Um estado de espírito e das últimas filiações, que nos permite afirmar que aquele era o seu estado, que ele sempre conservou.<sup>38</sup> Por isso, valorizou a importância da conversação, a necessidade de anotar os nomes locais, de tomar notas, de se habituar a fazer desenhos e croquis, de ter ideia da evolução no tempo e, principalmente, de nunca esquecer que “o mais belo dos turismos é o da fraternidade”. Tratava-se também, de “saber observar as paisagens espirituais, infinitamente mais variadas do que as naturais: imaginar que tanto as virtudes quanto os vícios têm cores”. Enfim, “o estudo de

---

<sup>37</sup> *Idem*: 31-3.

<sup>38</sup> *Idem*: 35-45.

um país deveria ensinar o esforço dos seus homens”.<sup>39</sup> As últimas linhas sintetizavam os objetivos: “Meditação, orgulho e humildade da obra humana na terra e apego ao país para servi-lo melhor, mais concreta e utilmente”.<sup>40</sup> É com esse estado de espírito que se deve ler a história da geografia, segundo Deffontaines.

A versão em português desse fascículo (*Pequeno guia do viajante ativo*), publicada no oitavo número da *Geografia*, significou muito aos olhos de Deffontaines, que procurava aplicar seus métodos de prospecção científica.<sup>41</sup> Então, ele pesquisou e se engajou, constantemente, na exploração, nomadismo e interdisciplinaridade, tornando-se, ao mesmo tempo, meio e objeto dessa pesquisa geográfica. Segundo Deffontaines, no ofício de geógrafo situava-se, de maneira mais impressionante ainda, a necessidade de centrar o trabalho em torno desse *outro lado*.

Enfim, pelo fato de o *outro mundo* não ser, necessariamente, aqui, no nosso solo racional, na nossa geografia natural, com nuances de disciplina vizinha, o caráter essencialmente espiritual de sua obra revela-se na leitura de seus itinerários: itinerários de vida, à

135

### **3 Pensar o outro mundo, as bases de uma geografia sobrenatural no Brasil**

Em fevereiro de 1976, dois anos antes da sua morte, Deffontaines publicou um “itinerário”, no sentido próprio do termo: prece do viajante no início da viagem, que encontra o seu lugar no final do breviário. Nessa prece, Deffontaines nos confiava: “só conhecemos a face natural [da terra], ao passo que nos falta conhecer a face sobrenatural, certamente mais espantosa do que a que aspira-

39 *Idem*: 43-5.

40 *Idem*: 45.

41 Traduction du Petit guide du voyageur actif: “Pequeno guia do viajante ativo”, *Geografia*, 1936, vol. II, n°4: 9-14.

mos”. Naquele momento, diante da perspectiva da morte próxima, na sua última viagem, afirmava ele, conduzi-lo-ia até a magnífica geografia natural, que ele espera e com a qual sonhava. Sempre em movimento, Deffontaines era um nômade, mas, nesse sentido, era o seu espírito que perambulava pelos lugares imaginários, e o outro lado estava além, no lugar em que permanecem os crentes após a morte. Teria alguma geografia trabalhado para levar a esse *outro lado* sobrenatural?

136 A introdução da religião e do espiritual nas ciências sociais é uma das marcas de Deffontaines. Uma de suas primeiras publicações referente à religião chegou muito tarde em sua carreira, em 1934, dois anos após a sua defesa de tese. Seu primeiro artigo sobre o tema apareceu nas *Chroniques sociales de France*;<sup>42</sup> no mesmo ano, quando ele escreveu sobre essa mesma temática em uma revista católica brasileira de renome, no intuito de recatolizar o país,<sup>43</sup> seu texto era apresentado como a introdução inédita de um livro por vir. Embora o silêncio prudente, concedido ao fato religioso por uma grande parte da comunidade geográfica francesa fosse bem realçado, Deffontaines, em novembro de 1933, já estava muito interessado na marca dos fatores espirituais do homem sobre o meio ambiente. Pode-se ler sobre esse tema a nota seguinte, na pena de sua esposa: “início dos cursos de Pierre sobre a marca geográfica das religiões, assunto muito novo e rico em descobertas muito interessantes; ele pensa fazer, mais tarde, um livro para a sua coleção de geografia humana”.<sup>44</sup> E, com efeito, o livro saiu vários anos após a expressão desse desejo.

---

<sup>42</sup> Cf. Deffontaines, Pierre. “Introduction à une géographie des religions”, 1934: 178-183.

<sup>43</sup> \_\_\_\_\_. “A paisagem religiosa da terra [Prefácio de um livro inédito]”, *A Ordem*, 1934, vol. 57: 339-43. Sobre essa revista, cf. Moreira Cândido, Cândido Moreira Rodrigues, *A Ordem - uma revista de intelectuais católicos 1934-1945*, Belo Horizonte, Autêntica/FAPESP, 2005.

<sup>44</sup> *Livre de nos jours*, novembre 1933, vol. 1.

O geógrafo católico nunca se desmobilizou, sempre se esforçava para mostrar seu trabalho. Em 1956, quando estava no Brasil, ele lançou uma série de conferências sobre esse tema: *almoçar na faculdade*<sup>45</sup> onde é professor, desde 1938. Ele vai fazer uma série de cinco conferências sobre *Geografia e religiões*. Pierre convoca uma reunião de professores, para preparar excursões. 5 de setembro de 1956: conferência na Faculdade Santa Úrsula: *Géographie et religions*. Ele defende, ali, o que seria seu maior livro, no qual é explicado o que deve ser o fim último de sua geografia humana, estudada do ponto de vista da marca das religiões na terra:

Essa geografia mostrará que o esforço que a humanidade persegue não é apenas orientado para a exploração dessa Terra que ela possui, para tirar proveito; outras preocupações surgiram, tão importantes que se inserem na geografia; essa humanidade prova que está em busca de uma via espiritual, que guie seu pensamento e o livre arbítrio; uma das vias principais que atraíram os homens não conduz a um ponto determinado da Terra, ela leva mais ou menos explicitamente para o além, para o sobrenatural; 137 é a “via da salvação”, como dizem algumas religiões; o taoísmo é a religião do tao, que significa, propriamente, caminho ou direção; o budista segue “a nobre oitava trilha”, o cristão ouve a palavra de Cristo, que proclama “Eu sou o caminho”.<sup>46</sup>

São esses os *caminhos* que Deffontaines se propôs a estudar, em uma geografia da salvação. Na introdução e conclusão do livro, ele mencionava Pierre Teilhard de Chardin (1881-1955) e seu conceito de noosfera.<sup>47</sup> O jesuíta, por muito tempo considerado suspeito pela Igreja, estava, naquele momento, muito em evidência na América

<sup>45</sup> A *Universidade Santa Úrsula* foi fundada por Alceu Amoroso Lima, em 1937.

<sup>46</sup> Cf. Paris, Gallimard, 1948: 9.

<sup>47</sup> *Idem*: 7.

do Sul.<sup>48</sup> Essa noosfera significava, literalmente, Camada pensante (humana) da Terra, constituindo um novo reino, um todo específico e orgânico.<sup>49</sup>

Indo mais longe do que retomá-lo de maneira superficial, Deffontaines inspirou-se nisso e mais de trinta anos depois, [...] referindo-se nitidamente ao *Fenômeno humano*, como intitulava sua introdução à Geografia humana, no volume da Pléiade *Géographie générale: O fenômeno humano e suas consequências*.<sup>50</sup> Aqui é interessante observar que a mestiçagem de Deffontaines ocorria em suas fontes, ambos os pensadores, Bergson et Teilhard de Chardin, sistemas de pensamento que Deffontaines agregava a um curioso ecletismo. Essa disposição de espírito muito aberta a várias influências foi bem favorável, em um contexto de relações culturais, mas, ainda dessa vez, muito menos em uma perspectiva universitária, estritamente francesa.

138 E, embora tenha sido Jean Brunhes quem iniciou (*espiritualizou a geografia*),<sup>51</sup> Deffontaines continuou a pesquisa nessa direção. A insistência em análises sobre geografia e religiões, sobre o que representa a noosfera, formava os dois lados da mesma moeda. Considerações tão afastadas das práticas clássicas da geografia francesa só encontravam leitores favoráveis com muita dificuldade, e contribuía para que marginalizassem, mais ainda, uma disciplina universitária tão cobiçada. E isso era apenas a parte visível do iceberg. Uma leitura mais atenta dos seus textos permite-nos perceber uma geografia quase crítica, para empregar uma metáfora do obscurantismo, que representava uma saída do contexto científico

---

<sup>48</sup> Cf. Compagnon, Olivier, Lille, Presses universitaires du Septentrion, 2003: 342.

<sup>49</sup> Cf. Cuénot, Claude. Paris, Éditions du Seuil, 1968.

<sup>50</sup> Cf. Delean, Frédéric. *Cahiers de géographie du Québec*, vol. 56, n°159, 2012: 551.

<sup>51</sup> Cf. Delamarre, Jean-Brunhes Delamarre, Paris, Bloud and Gay, 1939, n°1: 48.

clássico. Essa parte profunda de sua geografia era acompanhada, às vezes, de considerações que chegavam quase ao esoterismo, ou, pelo menos, ao misticismo, principalmente quando ele apresentou uma escatologia, no centro da qual o homem estava na Terra para controlá-la.

Deffontaines, um ponto cego do diálogo França-Brasil. O outro lado, um fator esquecido?

Apesar desses sucessos, constatamos que Deffontaines é ainda um nó cego da pesquisa. Quando observamos a trajetória desse astro menor da galáxia dos geógrafos franceses, sua presença não está sempre em evidência, sua luminosidade não é das mais vivas. Considerando o lugar que ele ocupa na escola francesa, assim como o papel que representou nas relações científicas internacionais, sua função é, frequentemente, diminuída, às vezes, até mesmo oculta. Em um capítulo intitulado *Géographes et diplomates*, Denis Rolland desenvolve uma análise, no intuito de traçar um quadro fiel dos residentes e viajantes franceses na América Latina.<sup>52</sup> Ele alerta para o fato de que os geógrafos são, como os diplomatas, “vetores essenciais e duradouros na transmissão funcional de conhecimentos científicos sobre um país ou um conjunto de países: [...] eles parecem, a priori, transmitir visões globais dos países estudados”.<sup>53</sup> No entanto, Deffontaines está ausente do capítulo sobre *a modernidade geográfica* da mesma obra.<sup>54</sup> E esta última interessa-nos, especialmente, porque faz menção explícita à *La Géographie universelle Larousse* (1960), organizada pelo próprio Deffontaines, em um trecho sobre a modernidade geográfica. Denis Rolland esquece o geógrafo: o *tour de force* não é anódino. Como abordar esse aspecto da diplomacia cultural francesa, sem evocá-la? Como apresentar essa geografia do

139

<sup>52</sup> Cf. Rolland, Denis, *L'Amérique latine et la France. Acteurs et réseaux d'une relation culturelle*, Rennes, PUR, 2011: 281.

<sup>53</sup> *Idem*: 261.

<sup>54</sup> *Idem*: 274-6.

Brasil sem mencioná-lo? *A fortiori*, como utilizar, em uma demonstração, uma de suas publicações, sem nomeá-lo? Esse ator e seu papel só são compreensíveis considerando-se essa ausência. Uma carreira nômade afastou-o das cátedras universitárias francesas, fazendo dele um “fora da lei” universitário, buscando sempre outros lugares mais longínquos, talvez um geógrafo “fora do lugar”.<sup>55</sup>

Só para dar um exemplo, na síntese elaborada por François Chaubet e Laurent Martin sobre a *Histoire des relations culturelles dans le monde contemporain*, Deffontaines não consta do índice.<sup>56</sup> Esquecimento imperdoável, se considerarmos o contexto das *missões universitárias francesas e a criação da universidade de São Paulo (1934 – fim dos anos 1930)*.<sup>57</sup> Por sua ausência, a *presença* de Deffontaines brilha mais intensamente ainda nessa história, indelevelmente ligada à história da geografia francesa e americana do século XIX, a história das relações culturais da França no mundo Atlântico.

140

Embora esse questionamento gire, de certa maneira, em torno do caso Deffontaines, nenhuma referência é feita a ele. Esse ator da pesquisa fica completamente oculto aqui, colocando-nos diante de um vazio. Para descrever isso, existe um modelo astronômico. Entre 1843 e 1846, o britânico John Couch Adams e o francês François Urbain Jean Joseph Le Verrier *calculavam* a posição de Netuno. É o primeiro e único planeta de nosso sistema solar que foi descoberto e *depois* observado.<sup>58</sup> Ainda hoje, os exoplanetas são, muitas vezes,

---

<sup>55</sup> Clerc, Pascal & Robic, Marie-Claire. Paris, L’Harmattan, 2015.

<sup>56</sup> Paris, Armand Colin, 2011.

<sup>57</sup> No entanto, Deffontaines é citado pelo nome de Desfontaines [*sic*]: 46.

<sup>58</sup> James Lequeux, “Découverte de Neptune”, *Encyclopædia Universalis*: <<http://www.universalis-edu.com/encyclopedie/decouverte-de-neptune/>>

objetos invisíveis. Se me for permitido, citarei brevemente uma leitura científica sobre essa questão: “Nenhum desses objetos foi observado diretamente: eles são detectados de maneira indireta, pelos efeitos gravitacionais que induzem na estrela”.<sup>59</sup> São sinais, traços, pistas: são essas raízes de um paradigma do índice, tão caras a Carlo Ginzburg,<sup>60</sup> que permitem determinar com certeza sua posição.

A ausência de qualquer menção à carreira de Deffontaines, em algumas obras, parece-nos característica: a recepção de sua obra deve ser lida como filigrana. Mais próximo de nossa problemática, especialmente, citemos Pascal Ory: “Com essa consciência do papel mediador dos atores (agentes e instituições *especializadas*) do domínio da cultura, o historiador é convidado a lançar a questão da recepção, que permanece sempre o ponto cego da pesquisa”.<sup>61</sup> Nesse ponto, Deffontaines e suas obras são comparáveis a esses exoplanetas evocados acima e, com certeza, um ponto apenas entrevisto da pesquisa.

## REFERÊNCIAS

Bergson Henri, *L'énergie spirituelle. Essais et conférences (1919)*, Paris: PUF, 1967.

Centre de rencontres de Châteaувallon, *Une leçon d'histoire de Fernand Braudel, Châteaувallon, octobre 1985*, Paris: Arthaud-Flammarion, 1986.

Chaubet, François; Martin, Laurent, *Histoire des relations culturelles dans le monde contemporain*, Paris: Armand Colin, 2011.

<sup>59</sup> James Lequeux, “Découverte des planètes extrasolaires”, *Encyclopædia Universalis*: <<http://www.universalis-edu.com/encyclopedie/decouverte-des-planetes-extrasolaires/>>

<sup>60</sup> Cf. Ginzburg, Carlo. 1980, n°6, novembre: 3-44.

<sup>61</sup> Ory, Pascal. *Encyclopaedia Universalis*: <<https://www.universalis.fr/encyclopedie/histoire-domaines-et-champs-histoire-culturelle/>>

- Chiva Isac. Pour la multidisciplinarité, *Ethnologie française*, vol. 34, no. 4, 2004: 6717.
- Clerc Pascal, Robic Marie-Claire, *Des géographes hors-les-murs?: itinéraires dans un monde en mouvement, 1900-1940*. Paris: L'Harmattan, 2015.
- Combe Dominique. La "gloire" de Bergson. *Études*, t. 401, n°4: 343-54.
- Compagnon Olivier. Bergson, Maritain y América Latina, in Horacio Gonzalez y Patrice Vermeren (org.). *¿Inactualidad del bergsononismo?* Buenos Aires: Colihue, 2008.
- *Jacques Maritain et l'Amérique du Sud. Le modèle malgré lui*. Lille: Presses universitaires du Septentrion, 2003.
- Correa Lima, Luís. O Brasil transforma Braudel, 2005, *Instituto Fernand Braudel*. <<http://www.braudel.org.br/pesquisas/pdf/anpuh-2005.pdf>>.
- Cuenot Claude. *Nouveau lexique Teilhard de Chardin*. Paris: Éditions du Seuil, 1968.
- Deffontaines, Pierre. A paisagem religiosa da terra [Prefacio de um livro inedito]. *A Ordem*, 1934, vol. 57.
- "Défense et illustration de la géographie humaine, avec 8 photographies", *Revue de géographie humaine et d'ethnologie*, 1948, n°1: 5-13.
- . Introduction à une géographie des religions, *Chronique sociale de France*, mars 1934: 178-183.
- . Les loisirs éducateurs dans les groupements de jeunesse, in Guérin Desjardins, Jacques [et al.]. *L'adolescence ouvrière (Conférences de Service Social 1939)*. Paris: Édition Sociale Française, 1940.
- Pequeno guia do viajante ativo. *Geografia*, 1936, vol. II, n° 4: 9-14.
- *Petit guide du voyageur actif. Comment connaître et comprendre un coin de pays?*, Paris: Édition sociale française, 1941.
- *Géographie et religions*. Paris: Gallimard, 1948.
- Dejean, Frédéric. Pierre Deffontaines, géographe de la «noosphère». Une lecture de Géographie et religions. *Cahiers de géographie du Québec*. vol. 56, n°159, 2012: 543-56.
- Dogan, Mattei & Pahre, Robert. *L'innovation dans les sciences sociales: la marginalité créatrice*, Paris: PUF, 1991.
- Fabre, Denis. Revues d'ethnologie et ethnologie dans les revues. *GARAE*.

*Ethnopôle*: <<http://www.garae.fr/spip.php?article150>>

Gemelli, Giuliana, *Fernand Braudel*, Paris, Odile Jacob, 1995.

Ginsburger, Nicolas. Théodore Lefebvre, un bon géographe pour Poitiers? *Norois*, 230, 2014.

Ginzburg, Carlo. Signes, traces, pistes. Racines d'un paradigme de l'indice. *Le Débat. Histoire. Politique. Société*, 1980, n° 6, novembre: 3-44.

Gomes, Paulo Cesar da Costa & Vidal, Laurent. Déplacement des savants, déplacement des savoirs. Le glissement des concepts sur le sol meuble du Brésil. Les exemples de Roger Bastide et Pierre Monbeig. *Bastidiana*, 2001, n° 35-6: 175-82.

Guy, Alain. Le bergsonisme en Amérique latine. *Caravelle*, n° 1, 1963: 121-139.

Jean-Brunhes Delamarre, Mariel, ean Brunhes, L'histoire d'une pensée, in Deffontaines, Pierre & Jean-Brunhes Delamarre, Mariel. *Problèmes de géographie humaine*. Paris: Bloud and Gay, 1939, n°1: 23-48.

Lapierre Nicole. *Pensons ailleurs*, Paris: Gallimard, 2006.

Lefevre, Frédéric. Une heure avec M. Jean Brunhes. *Les nouvelles littéraires*, 1926, n° 211, 30 octobre.

Lefevre, Jean-Paul. Les missions universitaires françaises au Brésil dans les années 1930, *Vingtième Siècle. Revue d'histoire*, 1993, n° 38, avril-juin: 24-33.

143

Lequeux, James. Découverte de Neptune. *Encyclopædia Universalis* : < <http://www.universalis-edu.com/encyclopedie/decouverte-de-neptune/>>

----- “Découverte des planètes extrasolaires”, *Encyclopædia Universalis*: <<http://www.universalis-edu.com/encyclopedie/decouverte-des-planetes-extrasolaires/>>

Emmanuel, Lézy, “La Saison et la ligne” ou Moby-Dick, une leçon de géographie métisse, *Cycnos*, vol. 17 n° 2, em 15 juillet 2008, URL: <http://revel.unice.fr/cycnos/index.html?id=1645>.

Marthelot, Pierre, Pierre Deffontaines, “Un géographe de l'humain”, *Amitiés Robert Garric*, 1980, n°14: 43-6.

Moreira Rodrigues, Cândido, *A Ordem - uma revista de intelectuais católicos 1934-1945*, Belo Horizonte, Autêntica / FAPESP, 2005.

Orain, Olivier. La géographie comme science. Quand ‘faire école’ cède le pas au pluralisme.

Robic, Marie-Claire (org.), *Couvrir le monde. Un grand XXe siècle de géographie française*. Paris: Ministère des Affaires étrangères: ADPF, 2006: 81-115.

Ory, Pascal. Histoire culturelle, *Encyclopaedia Universalis*: <<https://www.universalis.fr/encyclopedie/histoire-domaines-et-champs-histoire-culturelle/>>

Reboulet, André. Jean Marx (1884-1972) entre-deux-guerres. Kok Escalle, Marie-Christine & Melka, Francine Melka (org.). *Changements politiques et statut des langues: histoire et épistémologie 1780-1945*. Amsterdam: Atlanta, Rodopi, 2001.

Rolland Denis. *L'Amérique latine et la France. Acteurs et réseaux d'une relation culturelle*. Rennes: PUR, 2011.

Venon, Fabien. *Géographie et religion en France et au Québec*. Paris: L'Harmattan, 2011.